

# AUTOLESÃO NÃO-SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

NON-SUICIDAL SELF-INJURY IN ADOLESCENCE: A NARRATIVE REVIEW

Nathalie Alves Rodrigues<sup>1</sup>

Luciana Marinho Fernandes da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A autolesão é o ato de provocar lesão contra si, podendo estar presente em diversas faixas etárias, no entanto, na adolescência prevalece. Diante disso, o presente estudo tem como foco a autolesão não-suicida na adolescência. É importante considerar os danos desse comportamento para a vida do indivíduo, tanto físicos como psicológicos e sociais, sendo assim, um problema de saúde pública. O objetivo desse artigo consistiu em, por meio da revisão narrativa da literatura, discutir aspectos abordados do tema, como conceitos, característica, fatores de risco, tratamento e prevenção da autolesão. As bases de dados utilizadas para as buscas foram SCIELO e PEPsic. O tema por ser ainda pouco debatido, possui algumas divergências no sentido de classificações, bem como no que diz respeito às causas, sendo elas multifatoriais, além disso, os dados sugerem que existe uma lacuna quanto ao tratamento. Destaca-se a importância de considerar-se o ambiente familiar, escolar e vínculos de amizade, como um meio de prevenir e tratar a problemática. O estudo faz-se necessário no sentido de promover maior compreensão sobre esses aspectos, para que assim seja possível criar estratégias de tratamento e prevenção eficazes. Diante disso, sugere-se que haja mais estudos sobre o assunto e que enfoquem as causas da autolesão, bem como o tratamento e a prevenção. Outro tópico importante para ser desenvolvido em trabalhos futuros seria a influência familiar na prática da autolesão. É urgente a necessidade de discutir o tema, para que os profissionais de saúde mental e outros profissionais e pessoas que fazem parte do ciclo do indivíduo, saibam como lidar com aqueles que se auto lesionam.

**Palavras-chave:** Adolescência; Autolesão; Psicologia.

**ABSTRACT:** Self-injury is the act of injuring oneself, which can be present in different age groups, however, in adolescence it prevails. In view of this, the present study focuses on non-suicidal self-injury in adolescence. It is important to consider the damages of this behavior to the individual's life, both physical, psychological and social, thus being a public health problem. The objective of this article was, through a narrative review of the literature, to discuss aspects addressed on the topic, such as concepts, characteristics, risk factors, treatment and prevention of self-injury. The databases used for the searches were SCIELO and PEPsic. The topic, because it is still little debated, has some divergences in terms of classifications, as well as with regard to the causes, which are multifactorial, in addition, the data suggest that there is a gap in the treatment. The importance of considering the family, school environment and bonds of friendship is highlighted as a means of preventing and treating the problem. The study is necessary in order to promote greater understanding of these aspects, so that it is possible to create effective treatment and prevention strategies. In view of this, it is suggested that there are more studies on the subject and that focus on the causes of self-injury, as well as treatment and prevention. Another important topic to be developed in future works would be the family influence on the practice of self-injury. There is an urgent need to discuss the topic, so that mental health professionals and other professionals and people who are part of the individual's cycle, know how to deal with those who self-injure.

**Keywords:** Adolescence; self-injury; psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como o foco a autolesão na adolescência. Diante do aumento de comportamentos autolesivos nessa fase da vida, faz-se importante a investigação e compreensão dos aspectos relacionados a essa conduta.

Autolesão, comportamentos autolesivos, violência autodirigida e ainda automutilação são termos utilizados para conceituar as agressões provocadas contra si mesmo. O Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais - DSM-V (APA, 2014) descreve os comportamentos autolesivos como o ato de provocar lesão, ferimentos, dor no próprio corpo. De acordo com Fukumitsu (2017), as formas mais recorrentes de ferimento ao corpo são cortes, arranhões, queimaduras, beliscões.

Apesar de o termo automutilação ser frequentemente utilizado para se referir aos comportamentos autolesivos, alguns autores diferenciam os termos citados, considerando a automutilação como algo mais grave, como a amputação de um membro do corpo, por exemplo. Segundo Couto e Cunha (2017), enquanto a automutilação está relacionada à amputação, a autolesão diz respeito a cortes e queimaduras da pele.

O comportamento autolesivo pode ocorrer em diferentes faixas etárias, no entanto, estudos comprovam que a prevalência da autolesão é entre adolescentes do sexo feminino (SANTOS; FARO, 2018; SILVA; BOTTI, 2017; TARDIVO et al, 2019). A adolescência é uma fase de muitas mudanças, sejam elas físicas, emocionais e sociais, além disso, há um processo de busca de autonomia em relação aos pais e construção de identidade. Enquanto o emocional do adolescente apresenta extrema sensibilidade, a habilidade de enfrentar conflitos e lidar com as emoções é menor (AZEVEDO et al, 2019).

A autolesão é um recurso utilizado pelo indivíduo na busca de alívio imediato do sofrimento (FUKUMITSU, 2017). Couto e Cunha (2017) citam a prática autolesiva como um modo de se relacionar com o meio, sendo a forma que o indivíduo conseguiu encontrar para se autorregular. Os comportamentos autolesivos sem intenção suicida ocorrem de forma a causar danos na pele, busca-se o alívio do sofrimento e não necessariamente dar fim a própria vida, no entanto, é importante considerar que a autolesão, em alguns casos, pode levar ao suicídio. Entretanto, o foco desta pesquisa será destinado a autolesão sem intenção suicida.

Santos e faro (2018) destacam que os indivíduos tendem a buscar formas de prolongar a vida, por meio da autopreservação, mesmo que inconscientemente alguns acabam utilizando como recursos meios não-saudáveis como a autolesão, além disso, tratam essa questão como um desafio para muitos profissionais que lidam com a problemática.

No que diz respeito aos fatores de risco da autolesão, Azevedo et al (2019) dividem em fatores individuais, familiares e sociais. Dentre as características individuais, o autor cita situações traumáticas e transtornos psicológicos, outro aspecto está relacionado a traumas e angustias na infância. Quanto aos fatores sociais e familiares, são abordadas em seu estudo questões como violência, negligência, bem como o contexto de dependência química na família, o bullying, dificuldade de relacionamento. São questões que precisam de atenção.

A autolesão é um comportamento que tem aparecido com frequência nos setores de saúde, escolas, clínicas e demais espaços sociais, sendo, portanto, uma questão de saúde pública (TARDIVO et

al, 2019). Dessa forma, surge a necessidade de compreender esse contexto e proporcionar reflexões acerca da violência autodirigida para que, assim, o tema tenha mais espaço para debates e deixe de ser um tabu.

Apesar de ser uma questão cada vez mais recorrente, ainda são escassos estudos sobre autolesão. Diante disso, faz-se importante a reflexão trazida por este trabalho, para que o tema venha a ser mais debatido. Trazer à tona essas questões possibilitam a compreensão dos comportamentos autolesivos, proporcionando assim uma visão mais atenta para as pessoas que manifestam essas características e, conseqüentemente, maiores possibilidades de intervenção no problema.

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura. Foram selecionados estudos teóricos que abordam o tema. São poucos os artigos que tratam da autolesão no Brasil, diante disso, esta pesquisa tem como objetivo três pontos principais: aprofundar os conhecimentos sobre os comportamentos autolesivos apresentando suas características e conceitos; identificar causas da autolesão e levantar questões que favorecem o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema. O presente trabalho está dividido em três tópicos de discussão: o primeiro trata dos conceitos e características da autolesão; o segundo, da adolescência e fatores de risco; e, por fim, do tratamento e prevenção.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter exploratório e qualitativo. A revisão narrativa da literatura consiste em “publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto ou ponto de vista teórico ou contextual” (ROTHER, 2007).

Para a seleção de artigos foi realizada pesquisa na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), onde foram selecionados 06 artigos. Os descritores escolhidos foram: “Autolesão”, “Conduta autolesiva”, “Autolesão e fator de risco”, “Comportamentos autolesivos”.

Para a revisão, definiu-se como critérios de inclusão artigos publicados em português, que apresentavam a autolesão considerando os fatores de risco, além disso, artigos publicados entre 2016 e 2020. Dentre os critérios de exclusão teríamos artigos publicados em outra língua que não a portuguesa, artigos que não tratavam sobre os fatores de risco, artigos repetidos e aqueles publicados fora da data estipulada. Os textos foram selecionados entre agosto e setembro de 2020.

Com relação à análise dos dados, foi feita uma leitura na íntegra dos textos de forma a verificar características, os conceitos e principais focos das pesquisas relacionados à autolesão. Fez-se

importante, também, levantar pontos a serem considerados no que diz respeito ao tratamento e também para o desenvolvimento de pesquisas futuras, principalmente no que se refere às pesquisas no Brasil.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da busca de artigos nas bases de dados Pepsic e Scielo, foram selecionados 06 artigos, sendo 04 da base de dados Pepsic e 02 da base de dados Scielo. Os artigos foram publicados entre 2016 e 2020. Todos os artigos são publicados na língua portuguesa.

Quadro 1- Artigos Selecionados

Título do artigo	Autor	Ano de publicação	Base de dados
Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo	TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury et al	2019	Pepsic
Aspectos conceituais da conduta autolesiva: uma revisão teórica	SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André.	2018	Pepsic
Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino	RAUPP, Carolina Silva; MARIN, Angela Helena; MOSMANN, Clarisse Pereira.	2018	Pepsic
Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes	VIEIRA, Marcos Girardi; PIRES, Marta Helena Rovani; PIRES, Oscar Cesar.	2016	Scielo
Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	FONSECA, Paulo Henrique Nogueira da et al	2018	Pepsic
Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura	SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann.	2017	Scielo

Fonte: autora

#### 3.1 Conceitos e características da autolesão

Na literatura, os termos utilizados para tratar sobre o tema são variados, dentre eles: autolesão (TARDIVO et al, 2019; FONSECA et al, 2018), comportamentos autolesivos (RAUPP; MARIN; MOSMANN, 2018), conduta autolesiva (SANTOS; FARO, 2018), automutilação (VIEIRA; PIRES; PIRES, 2016). Há, portanto, uma divergência com relação à definição do termo. No presente trabalho os termos citados acima serão então usados como sinônimos.

A presença de ideação suicida é um tema discutido quando se trata da autolesão. Não há um consenso e existem controvérsias na literatura quanto a isso. Tardivo et al (2019) tratam a autolesão como intenção não-suicida, como tentativa de viver e como restauração de sentidos. Raupp, Marin e Mosmann (2018) verificaram, em seus estudos, que havia a presença do desejo de morrer, porém a autolesão não tinha intenção suicida e os recursos utilizados por aqueles que queriam dar fim a vida não se relacionavam com a conduta autolesiva. Esse ponto foi tratado da mesma forma por outros estudiosos

(SANTOS; FARO, 2018; FONSECA et al, 2018). No entanto, Vieira, Pires e Pires (2016) descrevem que a maioria dos participantes da pesquisa tentou ou idealizou suicídio.

De acordo com o DSM-V (APA, 2014), são comportamentos característicos da autolesão o ato de cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente, de forma a provocar lesão ao próprio corpo, sem intenção suicida, sendo considerado patológico quando o indivíduo repete esse comportamento por cinco dias ou mais.

As características comuns aos que praticam autolesão são: dificuldades em administrar as emoções, emoções negativas recorrentes, problemas de enfrentamento, autoculpabilização como forma de enfrentamento, dificuldade na resolução de problemas e baixa autoestima (SILVA; BOTTLI, 2017).

Vieira, Pires e Pires (2016) colocam que, de 20 participantes, 10 (50%) necessitam que haja a perda de sangue para que o ato seja satisfatório; 4 (20%) consideram satisfatório quando são vistos por outra pessoa. O local escolhido em sua maioria se refere ao punho, mãos e braços.

No que diz respeito às causas, não há um consenso e são vários os fatores citados pelos autores. Dentre eles, são citadas condições psicológicas, fatores ambientais, fatores biológicos, vieses cognitivos, emoções primárias (SANTOS; FARO, 2018). A maioria dos estudos sobre o tema trata a síndrome de Borderline como um fator de risco para o desenvolvimento da autolesão (SANTOS; FARO, 2018). Vieira, Pires e Pires (2016), em seus estudos realizados a partir de entrevistas sobre autolesão e fatores associados, tiveram como respostas predominantes transtornos psiquiátricos, nos quais 40% dos participantes possuem transtorno de Borderline, raiva, ansiedade, sendo a depressão a mais presente.

Tardivo et al (2019) afirmam que, apesar de não haver uma ligação direta entre a autolesão e os transtornos alimentares, abuso de álcool e outras drogas, estes podem ser considerados como fatores de risco para a conduta autolesiva. No estudo de Vieira, Pires e Pires (2016), dentre os participantes que apresentaram algum tipo de compulsão, a maioria apresentou a compulsão alimentar como resposta.

Na literatura, as funções da autolesão dizem respeito ao alívio das tensões e regulação das emoções (TARDIVO et al, 2019; FONSECA et al, 2018; RAUPP; MARIN; MOSMANN, 2018). Segundo Santos e Faro (2018), o sentimento de alívio imediato decorrente da autolesão é uma forma de reforçar esse comportamento. As dificuldades intrapessoais e sociais, bem como regulação das emoções, favorecem a prática da autolesão; as sensações de alívio e outros sentimentos positivos induzidos por esse comportamento, no momento do ato, fazem com que a autolesão seja um recurso utilizado quando o indivíduo passar por situações semelhantes (FONSECA et al, 2018).

Em estudo realizado por Vieira, Pires e Pires (2016), cujo objetivo foi avaliar a intensidade da dor, os desencadeantes e gratificantes em 20 participantes com idade superior a 18 anos, verificou-se que, no que diz respeito à intensidade da dor, a prevalência foi baixa e leve. Os dados sugerem que o sentimento que desencadeia a autolesão é a tristeza, presente em 70% dos entrevistados. O sentimento alcançado depois da autolesão mais recorrente é alívio, sendo 65% equivalentes a 13 pessoas.

### 3. 2 Adolescência e fatores associados à conduta autolesiva

A literatura indica que a fase de maior prevalência da autolesão é a adolescência, sendo o gênero feminino o mais predominante. Santos e Faro (2018) destacam que a autolesão surge na adolescência de forma recorrente, intensa e grave. Em uma pesquisa realizada por Vieira, Pires e Pires (2016), a maior prevalência da autolesão ocorreu entre as mulheres jovens. No entanto, é importante destacar que a maioria dos estudos investiga apenas a fase da adolescência (RAUPP; MARIN; MOSMANN, 2018; TARDIVO et al, 2019; FONSECA et al, 2018). Diante disso, pode-se concluir que são restritas as possibilidades de maiores análises acerca da autolesão ao longo do ciclo vital por serem escassas as pesquisas que tratam essa problemática em adultos e idosos, por exemplo.

São poucos os estudos que tratam da autolesão no Brasil. Dentre os que tratam da problemática, Fonseca et al (2018) analisaram o predomínio da autolesão em 517 adolescentes de 10 a 14 anos, de quatro escolas no interior de Minas Gerais, sendo 58% do sexo feminino, do total de participantes do estudo, 9,8% equivalentes a 49 adolescentes adotaram esses comportamentos. O autor destaca ainda que o fato de o sexo feminino ser mais voltado à prática da autolesão está na forma como ambos lidam com as suas experiências. Segundo Fonseca et al (2018), as mulheres tendem a buscar regular suas emoções.

As funções da autolesão mais recorrentes entre adolescentes são a regulação das emoções e o alívio de sensações e sentimentos ruins (FONSECA et al, 2018). Segundo Tardivo et al (2019), o alívio da dor foi um ponto percebido nos casos de autolesão em adolescentes. Vieira, Pires e Pires (2016) destacaram a autolesão como recurso para aliviar a dor emocional ou frustração. O adolescente, por não conseguir administrar as sensações e emoções ruins, procura formas de cessar esses sentimentos. Assim, a autolesão se torna recurso a ser utilizado.

Raupp, Marin e Mosmann (2018) apresentam algumas falas e pensamentos de adolescentes que se autolesionam, a saber: “eu pensava mais na mutilação, eu sempre queria acabar morrendo”, “ eu dispensei todas as minhas raivas, tudo, tudo nos cortes”, “me veem uns pensamentos assim que eu lembro de coisas que aconteceu aí eu sinto vontade de fazer”, “ um alívio, porque pode ficar doendo mais do que tu tá sentindo no momento”. A compreensão desses relatos é importante para entender o que motiva o indivíduo a continuar a prática autolesiva. Nas falas citadas acima, pode-se perceber que quando alguma emoção negativa surgia ao indivíduo, o recurso escolhido para lidar com o fato era autolesão, sendo resultado de alívio momentâneo para o adolescente.

A literatura aponta que os sentimentos presentes no engajamento da conduta autolesiva são tristeza, solidão e desproteção. Destacam-se as dificuldades na relação com os pais, surgida em consequência dos conflitos que ocasionam a dificuldade na comunicação e no vínculo com os pais

(TARDIVO et al, 2019). Além disso, o sentimento de raiva também foi associado à autolesão, segundo o estudo de Raupp, Marin e Mosmann (2018).

São vários os fatores que podem ser associados a esses comportamentos (SANTOS; FARO, 2018). Em um estudo realizado por Raupp, Marin e Mosmann (2018), com casos múltiplos, sobre autolesão e administração das emoções, tendo como participantes quatro meninas com idade entre 13 e 15, das quatro meninas, duas apresentaram perda de um familiar associada à autolesão. Tardivo et al (2019), em um estudo compreensivo com três participantes entre 13 e 15 anos, destacaram problemas familiares. Foi percebido insegurança, necessidade de proteção, bem como aspectos depressivos e de ansiedade diante dos resultados tidos com o Inventário de Beck de Depressão e o Inventário de Beck de Ansiedade. No estudo de Vieira, Pires e Pires (2016), a culpa apresentou-se como um dos fatores desencadeantes; a tristeza foi o sentimento prevalente tida como motivadora da autolesão.

Azevedo et al (2019), ao tratar sobre autolesão não-suicida na adolescência, divide os fatores de risco entre características pessoais, transtornos psiquiátricos, problemas na infância, questões sociais e familiares. Além disso, o autor destaca a influência das redes sociais no desenvolvimento da autolesão, bem como o convívio com outros adolescentes que se autolesionam.

Um estudo de revisão integrativa da literatura realizado por Silva e Botti (2017), que trata o comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital, apresenta os fatores de risco no ciclo infanto-juvenil dividido em três aspectos, sendo eles individuais, familiares e sociais; enquanto que as outras fases, adultos e idosos, apresentam como fatores de risco apenas aspectos individuais e sociais.

Tardivo et al (2019) destaca que a autolesão aparece nos serviços de saúde como causa principal, e também sendo sintomas e queixas de outras questões, tanto em adolescentes como em pré-adolescentes, além disso, o comportamento autolesivo é alerta também em adolescente no ambiente escolar. No entanto, Fonseca et al (2018) afirma que no Brasil não há estudos epidemiológicos que apresentem essas questões e trata o tema trazendo estatísticas internacionais sobre a autolesão.

### **3.3 Tratamento e prevenção**

Tardivo et al (2019) destacam a necessidade de realizar o psicodiagnóstico, considerando a investigação uma peça chave que favorece o desenvolvimento de intervenções e acompanhamento psicológico. Santos e Faro (2018) destacam a importância de conhecer a autolesão para que seja possível desenvolver intervenções e prevenção da conduta autolesiva, visando assim substituir esse recurso por outros mais saudáveis, além disso, expõem dado que cita a terapia como forma de tratamento.

Considerando o contexto de relações na adolescência, faz-se importante que a intervenção seja pensada focando a escola e os pais, afirma Tardivo et al (2019). Na adolescência, os grupos mais presentes na vida do indivíduo são o familiar, escolar, bem como os ciclos de amizades. A importância

de considerar esses grupos se dá no sentido de que essas relações podem tanto funcionar como respostas positivas, reduzindo as questões problemáticas para a vida do adolescente, como também o contrário.

Fonseca et al (2018) colaboram com a ideia de desenvolvimento de políticas e programas preventivos. Diante disso, destacam que o foco da prevenção deve ser a redução de questões problemáticas que favorecem a autolesão. Para que haja um controle da conduta autolesiva, é importante que a intervenção ocorra de forma prévia e adequada, faz-se necessário também o acompanhamento psicológico (Vieira; Pires, M; Pires, C (2016).

Raupp, Marin e Mosmann (2018) ressaltam a importância do desenvolvimento de mais estudos nacionais sobre o tema, de forma a compreender a autolesão e, assim, possibilitar o desenvolvimento de ações preventivas e tratamento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos acerca da autolesão são necessários para que haja uma melhor compreensão sobre o assunto e, dessa forma, um tratamento eficaz e estratégias de prevenção mais eficientes. As causas da autolesão são diversas e individuais, considerando o contexto de vida de cada sujeito e as relações familiares e sociais, bem como a associação com transtornos psicológicos. O período do ciclo de vida do sujeito é também algo relevante para a compreensão dos comportamentos autolesivos.

A adolescência é a fase em que a autolesão é mais recorrente na vida do indivíduo, sendo mais comum entre o sexo feminino. A fase da adolescência apresenta muitas fragilidades e mudanças que requer habilidades para lidar com essas questões, sendo assim um período da vida que necessita de atenção e compreensão quando discutido tendo em vista a autolesão.

As limitações estão relacionadas à dificuldade de encontrar artigos sobre o tema, tanto no que diz respeito ao uso do termo, uma vez que há variedade de termos que descrevem o fenômeno tratado, quanto aos poucos estudos que tratam da autolesão, principalmente referentes a dados da população brasileira.

É importante destacar a necessidade de estudos que tratem com maior relevância as questões relacionadas à prevenção da autolesão e ao tratamento, considerando os riscos físicos, psicológicos e sociais que essa conduta causa na vida do indivíduo que se autolesiona. Faz-se necessário que tanto os profissionais de saúde mental tenham mais conhecimento sobre esses aspectos, quanto outros profissionais que estejam presentes no contexto de vida do sujeito, para que, assim, as intervenções tanto de prevenção quanto de tratamento sejam eficientes.

Recomenda-se, para estudos futuros, a realização de pesquisas qualitativas que verifiquem a prevalência da autolesão, sem intenção suicida em adolescentes, com maiores números de participantes,

favorecendo maior mapeamento dos casos. Além disso, sugere-se estudos que tratem da relação entre transtornos psicológicos e abuso de drogas com a prática da autolesão.

Outro tópico importante para ser desenvolvido em trabalhos futuros seria a influência familiar na prática da autolesão, considerando aspectos da primeira infância, bem como a relação familiar, a violência, a negligência e outros aspectos que possam vir a causar comportamentos disfuncionais como a conduta autolesiva. Além disso, é também importante o desenvolvimento de pesquisas que abordem as questões sociais que podem vir a influenciar a autolesão, aspectos como bullying, influência das redes sociais, bem como as dificuldades de relacionamento com outros indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno 5 DSM-V. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AZEVEDO, A, et al. Autolesão na adolescência: como avaliar e tratar. Guia prático de atualização. Departamento Científico de Adolescência. 2019
- COUTO, Damiriane; CUNHA, Luane. Marcas na pele: Autolesão sob a ótica da Gestalt-terapia. Revista IGD na rede, v. 14, nº 27, p. 233-259, 2017.
- FONSECA, Paulo Henrique Nogueira da et al. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018.
- FUKUMITSU, K. Facetas da autodestruição: suicídio, adoecimento autoimune e autodestruição, In: FRAZÃO, L, (org.). Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus, 2017. p. 75-91.
- RAUPP, Carolina Silva; MARIN, Angela Helena; MOSMANN, Clarisse Pereira. Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 287-308, 2018.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, junho 2007.
- SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André. Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma revisão teórica. Psicol. pesq., Juiz de Fora, v.12, n.1, p.5-14, abr. 2018.
- SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. Rev. Port. de Enfermagem e Saúde Mental. Out. 2017.
- TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury et al. Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 39, n. 97, p. 159-169, dez. 2019.
- VIEIRA, Marcos Girardi; PIRES, Marta Helena Rovani; PIRES, Oscar Cesar. Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. Rev. dor, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 257-260, dez. 2016.

---

**Recebido em:** 11 de maio de 2022

**Avaliado em:** 10 de maio de 2022

**Aceito em:** 25 de maio de 2022

---

<sup>1</sup> Acadêmica do décimo período de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão de São Francisco (FACESF) E-mail: [nathaliealvesrodrigues385@gmail.com](mailto:nathaliealvesrodrigues385@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestra em Teoria Literária pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do sertão do São Francisco (FACESF). E-mail: [luciana\\_marinho@hotmail.com](mailto:luciana_marinho@hotmail.com)